

Pestana factura
28% no mercado
latino-americano

Turismo

Voos em jactos
privados aumentou
83% na última década

Considera o consultor de turismo Jack Soifer

Aposta estratégica no ecoturismo pode gerar 1,2 mil milhões

Uma aposta estratégica e concertada do país no turismo de natureza poderá gerar, a curto prazo, um volume de negócios de 1,2 mil milhões de euros, ou seja, 20% da facturação anual do turismo nacional, ao mesmo tempo que aumenta o seu potencial empregador. Na perspectiva do consultor Jack Soifer, autor do livro "Empreender Turismo de Natureza", o desenvolvimento de resorts e turismo residencial ao abrigo dos designados PIN é desajustada, semelhante "ao que Espanha fez há 20 ou 30 anos, que trouxe massas de capital branqueado e perdeu os turistas que exigem qualidade". Isto porque "o sector é dominado por construtores e especuladores, não por empresários do turismo". Por isso advoga um Conselho Superior do Turismo.

quê? Quais as suas mais-valias e como poderemos diferenciá-las dos outros países?

JS - Somos um dos poucos países da Europa que ainda não explora o enorme potencial que temos no turismo de natureza, não só o ecológico. É este que dá lucro, pois vem principalmente "off-season", quando hotéis e restaurantes estão desocupados. Na União Europeia, só o Chipre, com limitada diversidade natural e cultural, pode fazer-nos concorrência. Para apreciar esta diversidade, precisamos transportar turistas em França e Itália, numa distância quatro vezes maior do que em Portugal.

Ecoturismo poderá representar 20% da facturação turística

VE - Os promotores e agentes do sector estão consciencializados para essa vertente do turismo?

JS - Penso que muitos estão, mas o sector é dominado por construtores e especuladores, não por empresários do turismo. Falta-nos, como em outros países, um Conselho Superior do Turismo, com poucos políticos e muitos de associações locais, não nacionais, de empresários. É na soma das diversidades locais que está o nosso potencial; a média de mil cores é cinza, que pouco existe no mundo real e não atrai turistas. Precisamos fazer como outros países que para o Conselho trazem representantes dos operadores norte-europeus, que sabem quais serão as exigências dos turistas de amanhã, não as de ontem.

VE - Refere que tanto o Douro como o Alto Minho poderão arrecadar receitas na ordem dos 140 milhões de euros por ano, quase sem investimentos. Como é que se consegue esse "milagre"?



"Somos um dos poucos países da Europa que ainda não explora o enorme potencial que temos no turismo de natureza", afirma Jack Soifer.

Vida Económica - Como vê o crescente interesse no desenvolvimento de projectos turísticos relacionados com "resorts" e turismo residencial?

Jack Soifer - Depende da localização, foco, tamanho e interligação com outras actividades. No Algarve e Grande Lisboa, já há de mais projectos destes. No Alentejo, Centro e partes do Norte há um grande potencial, se forem projectos dirigidos a públicos selectos e em pequena escala. Por exemplo, algo como 60 vivendas no topo de um monte com bela vista para verdejantes vales, próximo a uma rota de vinhos e centros de eqüitação, é bom. No Centro o foco deveria ser o património, no Norte o paisagismo.

VE - A estratégia de apostar em segmentos de alta qualidade, numa conjuntura em que o sector do turismo está cada vez mais competitiva e os seus custos crescem, parece-lhe correcta?

JS - Os custos com a produção não crescem, ao contrário, diminuem. É ao transformar reserva agrícola em urbana ou Projecto de Interesse Nacional (PIN) que a especulação eleva o custo do talhão ou lote. Com maior concorrência e inadequado conhecimento e foco nas técnicas de segmentar para chegar ao cliente-alvo, o custo de marketing e vendas torna-se muito superior ao de produção. Se houver boa localização, foco e sobretudo a humildade necessária para ouvir e ajustar o produto aos desejos de um grupo cada vez mais restrito e exigente, poderão obter-se elevados lucros. Mas lembremos que no Norte da Europa há muitas famílias de classe média que ainda têm poder de compra para adquirir pequenos e bons imóveis de 80 a 95 mil euros, se o construtor se adaptar a este mercado.

VE - Os chamados Projectos de Interesse Nacional inserem-se, do seu ponto de vista, nessa estratégia de forma adequada?

JS - Uns sim, outros poderiam, se melhor planeados, com mais foco na natureza circundante para diferenciar cada unidade e torná-la mais próxima às novas expectativas do [turista ou investidor] norte-europeu. Parece, contudo, que hoje aprovam-se PIN como a Espanha o fez há 20 ou 30 anos, que trouxe massas de capital branqueado e perdeu os turistas que exigem qualidade. Em algumas regiões, a Espanha deita abaixo vários PIN por mês, para tentar repor a imagem que perdeu. Além disto, os PIN aprovados cá dificilmente terão as suas unidades vendidas ao consumidor final nos próximos anos; como no Algarve hoje, dezenas de milhares de fogos ficarão fechados 11 meses por ano.

O risco de banalizar o destino Portugal

VE - Encontra riscos nesse caminho, nomeadamente a banalização do conceito e a sua transformação em meros projectos imobiliários?

JS - Não só eu, a maioria dos profissionais investidores norte-europeus afirma que, ao construir-se como se faz hoje em Portugal, estamos a matar a galinha dos ovos de ouro. Eles já há muito foram com o seu capital para a Turquia, Croácia, República Checa, Bulgária e agora Marrocos.

VE - Preconiza um turismo de cariz ecológico. Por

JS - Mais que 140 milhões de euros! O turista de alto nível fica oito a nove dias, o dobro da média, e deixa 1,2 a 1,4 mil euros, incluindo prendas, guias, entre outros, ou seja, quase o triplo dos outros. Com pacotes diversificados para os diferentes nichos, é fácil trazer 800 visitantes por dia durante 250 dias, o que dá 200 mil turistas e 250 milhões de euros.

VE - Faz ideia de quanto poderá representar para o país uma aposta em pleno dessa estratégia? Poderá atingir que percentagem do global do sector do turismo em Portugal?

JS - Falamos de 1,2 mil milhões, 20% da facturação anual dos recentes anos, a curto prazo. Num prazo de seis a oito anos, é quanto leva para reconstruir a imagem do destino, seria o dobro, desde que o tal Conselho tivesse poder para implantar políticas adequadas para a melhor indústria não poluente da UE. O mais importante é a criação de emprego. Hoje um moderno hotel usa 0,3 empregado por quarto e incluindo táxi, guia, animação, usamos uns 0,5 por dois turistas. Já o Turismo de Natureza, mais pessoal e activo, chega a empregar um por turista. Hoje o nosso turismo tem 66 a 80% do total concentrado em 80 dias e despede metade dos funcionários, que os impostos arrecadados no Verão terão que pagar, como ajuda ao desemprego, no Inverno. Já o turismo de natureza é sobretudo fora da estação. Bem organizado, elevaria a ocupação anual de camas em hotéis e cadeiras em restaurantes para o dobro, alargando a estação para oito meses e mantendo os colaboradores empregados o ano todo. O "spin-off" chega a ser 2,2 maior do que o que gasta no directo, faz girar três mil euros. Cabe aos empresários oferecer bons pacotes; o "worth of mouth" trará os clientes.

MARC BARROS
marcbarros@vidaeconomica.pt

TURISMO DE NATUREZA CRESCE 7% POR ANO

O designado turismo de natureza, ou ecoturismo, tem vindo a ganhar cada vez mais adeptos e promotores, associando o contacto com a natureza e a sua diversidade com a prática de várias actividades. Essa é a perspectiva de Jack Soifer, consultor que conta com 40 anos de experiência e que trabalhou para a UNESCO, IDB e Banco Mundial. Durante 35 anos foi consultor internacional em 11 países e 295 empresas de diversos sectores, tendo-se especializado em turismo. Participa em concursos internacionais de projectos de ecoturismo. O seu mais recente livro, "Empreender Turismo de Natureza", está escrito como um manual, focando temas como os lucros em novos nichos, qualidade, sustentabilidade e desempenho, oferecendo ao leitor dicas de onde investir e como operar para obter lucros sustentáveis.

O facto é que este mercado tem apresentado uma tendência de expansão, registando-se uma taxa de crescimento médio anual de 7%, segundo o Turismo de Portugal, crescimento que deverá manter-se, tendo em conta a crescente consciência ambiental da população, a preferência por férias activas e a maior oferta dos operadores. A margem de progressão é enorme - actualmente, apenas 4% da procura deste produto é estrangeira.

Percorrer o país em carros híbridos

Os exemplos começam a surgir em abundância. A TOW

- Travel Our Way está a promover um conjunto de actividades relacionadas com o turismo ambiental, através da rota "Portugal Totalmente Verde", preparada especialmente para este Outono e disponível até 30 de Outubro. Serão onze os dias que integram o programa, percorrendo o país na sua totalidade, num percurso feito de automóvel que visita também os Parques Naturais Nacionais.

A viagem decorre em carros da marca Honda Civic Hybrid, um modelo de última geração com baixo nível de emissões de CO2 e de consumos, e também, a utilização das energias renováveis como a propulsão. Do artesanato à arquitectura, passando pelos costumes, pela gastronomia, pelos vinhos, e por centenas de paisagens, a TOW oferece "um périplo onde a consciência ambiental se impõe, visando mudar perspectivas sobre o país". Os preços, para grupos de quatro pessoas, rondam os 1850 euros por pessoa.

Os locais a visitar englobam Cascais, Lisboa, Fátima, Batalha, Alcobaça, Tomar, Coimbra, Conímbriga, Buçaco, Porto, Matosinhos, Leça da Palmeira, Espinho, Esmoriz, Aveiro, Estarreja, Vila Nova de Gaia, Peso da Régua, Lamego, Vila Real, Guimarães, Braga, Viseu, Santar, Nelas, Seia, Manteigas, Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Portalegre, Estremoz, Évora, Vila Real de Santo António, Tavira, Loulé, Sagres, Vila do Bispo, Aljezur, Lagos, Silves, Monchique, Odemira e Sesimbra.